

TECENDO ALGUMAS TÉCNICAS DE HISTÓRIA ORAL: COMO (RE)COMPREENDER A IDENTIDADE DO PESQUISADO

Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa*

Resumo: Este trabalho pretende expor ao pesquisador de ciências humanas alguns *guidelines* sobre a técnica de pesquisa que se convencionou chamar de história oral. A história oral é uma técnica que transcende a história oficial e acadêmica capacitando uma visão mais subjetiva de quem participou ou testemunhou o evento histórico ou social pesquisado. É uma ferramenta importante para dar outros pontos de vista aos leitores de uma pesquisa histórica, social ou cultural.

Palavras chaves: história oral, história, sociologia, antropologia.

Considerations about the technique of oral history: how understand the identity of research subject.

This paperwork intends teach the researcher in humans sciences some guidelines about the technique to as referred as oral history. This technique transcends the official and academic histories to enable a subjective vision of the historical or social event that has researched. Is an important tool to give other perception of the readers of some rummage instead is historical, social or cultural.

Keywords: oral history, history, sociology, anthropology.

Introdução.

A História oral permite o registro de testemunhos e o acesso à subjetividade direta do pesquisado e assim dar um ponto de vista diverso da historia oficial, dessa forma, amplia as possibilidades de interpretação dos fatos históricos ou eventos sociais ou culturais estudados.

A tradição do relato oral foi o principal veículo de propagação através do tempo vivido, sempre se constituiu como a principal comunicação entre os seres humanos, era o conjunto de saberes divididos no contato direto entre pessoas, gerador dos conhecimentos em conjunto e seus respectivos povos. Por não ser registrado de modo

sistemático foi considerado carente de veracidade (por uma academia moderna que julgava o que era ou não verdade), assim como vários saberes sequestrados¹ (FOUCAULT, 1999) durante a história, no entanto, com o advento da história científica, este relato oral foi deixado para segundo plano, sendo o argumento principal para tal opção, o seu déficit de cientificidade.

As fontes escritas foram adotadas como únicas fontes válidas dos estudos históricos após os registros comerciais oriundos da pós-neocolonização, em especial para registrar os lucros da exploração das metrópoles coloniais das nações (JENKINS, 2001). A revolução histórica que trouxe a chamada nova história ocorrida em meados do século XX, chamada *Nova História*, que trouxe diversas consequências contrárias ao seu paradigma tradicional (BURKE, 1992). Uma dessas consequências foi o resgate do relato oral como fonte histórica, possibilitando sua adesão na academia e sendo hoje um complemento importante na análise sócio-histórica.

Na pesquisa científica das ciências sociais, do método de História Oral, tem por base um projeto de pesquisa, um objetivo e com referencial teórico previamente definido. Cada pesquisador recorre a História Oral de acordo com os pressupostos de sua disciplina, seja ela antropologia, sociologia, história ou outra; porém todos recorrem à palavra gravada do entrevistado, que dá origem a um documento que constitui fonte de pesquisa.

Estes dados foram grandiosamente possibilitados e aumentados pelo surgimento da memória eletrônica (tecnologia), que promoveu uma vertiginosa transformação na história de utilização da memória pela humanidade. Estes registros são as emoções, sentimentos, a memória viva de pessoas comuns que fornecem seus depoimentos. Os registros dessas pessoas por serem comuns foram desprezados pela História Oficial (CERTEAU, 1994). Os registros podem ser a história de vida destas pessoas ou a história temática, nos quais, por meio de lembranças pessoais, os entrevistados relatam suas experiências em determinados contextos. E com isto é possível obter uma visão mais completa sobre suas visões de mundo e do grupo social a que pertencem.

¹ Segundo Foucault, a história das ciências a serviço da política e dos poderes (capital?) enterrou e subjogou diversos saberes que não eram passíveis de ser postos em uso monetário, tais como os saberes populares ou o ponto de vista da história que não gerava patriotismo ou capital, ou seja foi enterrado na história as vozes dos excluídos, dos escravos, das mulheres, dos loucos, em suma, do povo não vencedor e isso causou um tremenda perda de poder. A história oficial passa a ser contada pelos vencedores.

*é sociólogo e mestre em filosofia pela UNESP, licenciado em História pela Claretianas, doutorando em ciências da religião pela UNESP.

Um pouco de teoria da história.

Segundo Lê Goff (1996, p.424) a história da memória dividiu-se em cinco períodos. O primeiro predomina o conhecimento e sua divisão de modo oral, e a música e o poema tinham um papel preponderante no registro e difusão desse conhecimento. No segundo período: Na antiguidade surge a escrita e os documentos tinham por função armazenar informações. O terceiro período classificado na idade média foi valorizado a experiência do sábio da comunidade, e dos líderes políticos e carismáticos. O sábio era fonte de sabedoria que guardava sua experiência mais a história dos antepassados. Neste período a escrita foi dominada pela igreja católica. Na renascença, o surgimento da imprensa tirou de cena o interprete e o escriba e colocou o leitor que não interpretava, apenas lia. Depois houve o surgimento da memória visual com o surgimento da fotografia. Na história da memória contemporânea houve uma vertiginosa transformação na história de utilização da memória pela humanidade, o surgimento da memória eletrônica.

Para Halbwachs (1990) a história não é uma sucessão de fatos ou que um período seja diferente do outro. A história serve, ainda, para formar um quadro organizado de pontos de referência para as lembranças individuais e coletivas. É necessário que exista uma lembrança anterior para que seja acessada a lembrança histórica. O autor aponta, ainda, que não é possível a separação real da memória individual e coletiva. O relato dos entrevistados é importante então para resgatar não só uma memória individual, mas coletivo-histórica. (FOUCAULT, 1999).

A história oral.

Para conhecer a realidade histórica por meio da voz-relato das pessoas que nele viveram, ouve-se a e analisa-se a voz do narrador, e como mostrou Halbwachs (1990), a memória não é apenas individual, mas social. Vale, ainda, lembrar que registrar a história com outros valores, é (re)construir um documento diferente do que se apresenta na história. Tal processo de coleta registrada de depoimentos orais leva o pesquisador a fazer uso das palavras e informações das testemunhas e nem sempre recorrer o registro oficial.

As informações colhidas devem ser registradas em áudio e/ou vídeo, uma vez que tal técnica só é registrada após a invenção do gravador (VANDERLEI SILVA e SILVA, 2006), dando certo grau de confiabilidade, protegendo o pesquisador e permitir futuras análises deste material por outros historiadores e ineditamente pela própria

comunidade (apropriando-se de um conceito jurídico de Stakeholders² que significa demais interessados). Isto também preservando e vinculando em uma honesta ética envolvida na relação pesquisador e pesquisado.

Na medida em que o vínculo com os entrevistados se firma, percebemos que outros tipos de texto e subtexto podem emergir e servir para a pesquisa: informações escritas, literatura, documentos, imagens entre outros. Principalmente busca o testemunho e opinião do entrevistado sobre sua vivência em determinadas situações dando-lhe certo poder de voz.

Empodera o excluído da história dando-lhe oportunidade de relatar o que nem sempre é relatado na história oficial. Nesse sentido a história oficial sempre foi a dos vencedores (na famosa frase de G. Orwell), dos intelectuais que detinham ou exploravam os meios de informação ou de quem tinha mais poder. Sempre foi excluído do relato aqueles pobres, o povo, quem não tinha voz. A história oral da voz ao excluído da história podendo dar um relato de outro ponto de vista do registro oficial.

A história oral é um método normalmente definido como uma forma de pesquisa e a criação de fontes para o estudo da história contemporânea, que surgiu em meados do século XX, após a invenção do gravador. Trata-se de entrevistas gravadas com pessoas que testemunharam certos acontecimentos. Estas entrevistas são conduzidas como parte de projetos de pesquisa, que determinam quantas e quais pessoas a entrevista, o que e como perguntar, e este objetivo será dado ao material produzido (GAGNEBIN, 1997).

O trabalho com a metodologia da História Oral não termina na realização, gravação, transcrição e arquivamento da entrevista, pois o documento gerado necessita ser interpretado quanto à forma e conteúdo, além do estabelecimento das relações com o contexto e outras fontes documentais, como a associação dos relatos orais a outras fontes de dados, imprensa diária e periódica da época, registros, cartas, fotos, livros de instituições, escolas, literatura, produções escritas dos entrevistados e outros. (ALBERTI, FERNANDES e FERREIRA, 2000)

Esta diversidade de documentos torna-se fundamental para a confiabilidade da pesquisa e a recorrência de fonte do pesquisador e Stakeholders, evidentemente outras fontes documentais e até mesmo outras histórias orais podem e deveriam ser comparadas para uma fidedignização do objeto que se pretende pesquisar (CHIZZOTTI,

² São exemplos de outros interessados: o orientador do pesquisador, o departamento a qual ele se vincula, órgãos de fomento, futuros outros pesquisadores, a academia em geral e principalmente a comunidade pesquisada, a qual recomendamos retornar o resultado da pesquisa por uma questão de respeito.

1991). Assim, este método valoriza o conhecimento popular, no sentido de responder aos interesses sócios históricos. Esse fato não é só legítimo como é inevitável, uma vez que, busca as origens dos fatos presentes (GAGNEBIN, 1997).

Ferreira (1994, introdução), da importância as representações obtidas nos relatos orais, sendo necessária a análise ou intervenção para sanar as possíveis deformações e a subjetividade contida nos relatos com documentos escritos e que atua de forma complementar à fonte escrita.

O Trabalho.

O trabalho com a História oral se beneficia de ferramentas teóricas das Ciências Humanas, muito comum na antropologia e sociologia quantitativa. Tem a possibilidade de ser aplicado nas mais diversas áreas do conhecimento direito, marketing, medicina educação etc... Em todas essas áreas já foram desenvolvidas pesquisas que adotaram a metodologia da História oral em algum momento da sua trajetória constitutiva.

A história oral não é novidade, Flávio José usava-a em várias partes de sua História do povo hebreu, bem como Hesíodo e outros historiadores da Antiguidade, já utilizaram esse procedimento para escrever sobre acontecimentos de sua época. (AQUINO; FRANCO; LOPES, 1980). A famosa Escola de Chicago, segundo a qual caberia ao pesquisador sair das bibliotecas e ir para o campo, no caso, a cidade, transformada em laboratório era celebre nesses relatos.

Houve um *boom* da História oral na década de 1960 acabou marcando bastante a própria metodologia: suas práticas e a forma como passou a ser vista por historiadores e outros cientistas sociais, ALBERTI, FERNANDES e FERREIRA, (2000) citando Michel Trebitsch afirma:

Trebitsch, observa que, em razão dessa linha desenvolvida a partir do decênio de 1960, durante muito tempo a identidade da História oral se baseou em um sistema “maniqueísta de antinomias”. Opondo-se à História positivista do século XIX, a História oral tornou-se a contra-História, a História do local e do comunitário (em oposição à chamada História da nação). Por trás desse movimento, estava a crença de que era possível reconciliar o saber com o povo e se voltar para a História dos humildes, dos primitivos, dos “sem História” (em oposição à História da civilização e do progresso que, na verdade, acabava sendo a História das elites e dos vencedores). (op. Cit. p. 83)

A maravilhosa capacidade de gravar as experiências de grupos cujas histórias foram mal representadas apresenta um obvio avanço das disciplinas de humanidades.

Mas o reconhecimento só foi possível após um extenso movimento de transformação dessas ciências, com o tempo, de já não pensar em termos de uma única história ou identidade nacional, a reconhecer a existência de múltiplas histórias, memórias e identidades na sociedade. Houve certa resistência. Resistência essa causada em parte, devido à forma como as investigações foram realizadas utilizando a história oral.

Cuidados na técnica.

Acreditar que a simples relato constitui uma história mais autêntica é uma mentira relatada por alguns historiadores, isso porque não analisar, não verificar não cruzar com outras fontes é um erro comum nas ciências humanas (LABROUSSE, 1973)³, salvo se acompanhado com a exclusiva opinião do relatado avisado no texto, mesmo assim deve ser feito com reservas é um caso em que se despreza a formação técnica e a própria análise - opinião –problemática levantada pelo pesquisador.

É um erro comum também no que ALBERTI *et al* (op. cit) chamam de História oral “militante” comum em sociólogos e antropólogos (especialmente estudantes pós-graduandos) “deslumbrados” com seus pesquisados (o que também é muito comum): *O equívoco está em considerar que a entrevista publicada já é “História”, e não apenas uma fonte que, como todas as fontes, necessita de interpretação e análise* (idem p. 43).

Outro erro é considerar que a História é uma *reparação* para dar apenas voz aos excluídos (ibidem), de fato ela faz isso, mas tratar ela como a panacéia de dar voz a uma suposta incapacidade daqueles grupos de escreverem sobre si mesmos é inverter o objeto de pesquisa. Dar voz para esses (em nossa opinião) é encaixá-los de fato na justiça social e tira-los da exclusão construindo suas identidades como cidadãos que tem voz ativa nos rumos de sua nação. O argumento principal para esse tipo de erro é considerar um dado grupo como exótico e exatamente com intenção de considerá-lo igual o inferioriza, o infantiliza de modo indireto, surgindo um falso e não intencional preconceito em relação a eles acaba reforçando as diferenças sociais: de que eles não são capazes de deixar registros eficientes sobre si mesmos (desprezando o trabalho do arqueólogo e antropólogo). Há em todos os povos uma cultura riquíssima passível de resgate de seu registro que vai além de lhe dar voz e sim pela luta em lhe dar ação e não registro, comum fazer a pesquisa e não voltar mais para lhes ajudar a lutar por sua cidadania. Isso decorre da falta corrente de análise.

³ Sobretudo para quem como nós professores, vemos alunos vítimas da falha educação brasileira básica, lidamos com muitas correções de trabalhos incompletos baseados nessa mera técnica.

Com as transformações técnicas e a conseqüente mudança social oriunda que mudaram os meios de fazer comunicação e de registro (COSTA, 2005), alteraram também o conteúdo dos arquivos históricos, outros registros sonoros (músicas, *jingles*, gravações radiofônicas), imagéticos, arqueológicos, divididos a velocidade eletrônica, hoje são fontes divididas e guardadas. O documento escrito deixou de ser o repositório exclusivo dos restos do passado (VAINFAS, 1998) podendo assim ser revalorizada a história oral.

Concordamos com Edgar Morin (1995) que em todas as ciências dentre a qual se inclui a história, deve ser mediada pela trans-multi- interdisciplinaridade. A História beneficia- se do diálogo com a Antropologia, a Literatura, a Sociologia, a Ciência Política e outras áreas do conhecimento. O fato de uma pesquisa de História oral ser interdisciplinar por natureza constitui, pois, mais um fator que favorece hoje sua aceitação por parte de historiadores e cientistas sociais. Essa reconciliação da História oral com a academia, notadamente a partir do decênio de 1990, se deve, sobretudo a necessidade de se contar a história dos vencidos que não era muito bem contada⁴.

Para que serve?

A história oral é uma maneira nova para conhecer e gravar várias oportunidades que surgem dar sentido histórico e voz aos vários grupos sociais em todas as camadas da sociedade. Neste sentido, está em sintonia com as novas tendências da pesquisa em ciências humanas, que reconhecem múltiplas influências que estão sujeitas a diferentes grupos do mundo globalizado, sobretudo os que eram excluídos da história (CERTEAU, 1994).

Vale observar, contudo, que há todo um espaço ocupado pela História oral fora da academia, como é o caso de algumas práticas pedagógicas e terapêuticas, já praticadas há anos pelos médicos e psicólogos em suas anamneses (SANTANA JÚNIOR, 2012), nos testemunhos jurídicos para descobrir a verdade e, sobretudo em ciências da religião (ANDRADE CABRAL, 2005) a qual nós temos dedicados sérias pesquisas.

O uso da metodologia da História oral é muito dispendiosa e nada fácil (FERREIRA, 1994). Preparar uma entrevista, contatar o entrevistado, gravar o depoimento, transcrevê-lo, revisá-lo e analisá-lo leva tempo e requer recursos

⁴ O fato de não contar se deve a teoria de Foucault (op. cit.) de que a história oficial de certo modo estava a serviço do poder econômico e o ponto de vista do vencido não era interessante ser contado.

financeiros e psíquicos (FERREIRA, 1994). Como em geral um projeto de pesquisa em História oral pressupõe a realização de várias entrevistas, o tempo e os recursos necessários são bastante expressivos (SELAU, 2004).

O interessante da História oral está em permitir o estudo das formas como pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, de modo libertário. Isso possibilita entender como pessoas e grupos experimentaram o passado, A História oral pode trazer contribuições mais interessantes. No início, grande parte das críticas que o método sofreu dizia respeito justamente às “distorções” da memória, ao fato de não se poder confiar no relato do entrevistado, carregado de subjetividade (VAINFAS, 1998). Hoje se considera que a análise oral pode levar à melhor compreensão história de uma pessoa, grupo ou comunidade (MARIA DE FREITAS, 2006). Devemos lembrar que o projeto da modernidade capitalista não aceitava muito bem subjetividades (FOUCAULT, 1999).

A capacidade de a entrevista contradizer e conter generalizações sobre o passado amplia, pois, a percepção histórica e permite a “mudança de perspectiva” (MARIA DE FREITAS, 2006). É no erro possível do entrevistado que o pesquisador pode encontrar uma verdade ao confrontá-lo (de modo respeitoso claro) ou interpretar sua linguagem nem sempre oficial e fácil. Existe uma riqueza nos resultantes da História oral que permite o conhecimento de experiências e modos de vida de diferentes grupos e lhes dar voz, constitui, portanto, verdadeiro instrumento para realizar uma análise mais detalhada dos testemunhos obtidos em uma pesquisa.

A coleta de História oral (entrevista) não deve ser o objetivo final a ser analisado pelo pesquisador, mas deve ser parte de um processo maior: o seu trabalho (FERREIRA, 1994). Sua coleta deve ser precedida de largo conhecimento prévio da situação sócio histórica dos entrevistados e vai ser mais eficiente se houver a confiança participante dentro do grupo (CHIZZOTTI, 1991). Não é fácil trabalhar com a chamada fonte oral. Como fazer para interpretar sua mensagem? É preciso considerar as condições factuais de do momento e da situação tomando certos cuidados (MARIA DE FREITAS, 2006).

Os elementos da história oral.

Coleta pratica de História oral há no mínimo dois agentes: o entrevistado e o pesquisador. É recomendável a existência de um elo de confiança para que o entrevistador fale pouco e o entrevistado mais, para permitir ao entrevistado narrar suas

experiências, a entrevista que ele conduz é parte de seu próprio relato e também de suas ações (SELAU, 2004), seu papel e do seu imaginário, e que o historiador interprete melhor em seu gabinete (CHIZZOTTI, 1991).

A entrevista documenta uma ação de dupla mão: a relação comunicacional entre entrevistado e entrevistador. Tanto um como outro têm determinadas ideias sobre seu interlocutor e seja superando preconceito e a desconfiança. Em segundo lugar, a entrevista de História oral é de uma ação específica, qual seja a de interpretar o um fato (ALBERTI, FERNANDES e FERREIRA, 2000).

Deve-se levar em consideração o indivíduo em sua especificidade, o ser psicológico, que imprimirá sentido a uma série de concepções diferentes do estudados na academia, é colocar-se no lugar do outro (SELAU, 2004) algo que se aprende muito mais na aula de didática do que nos cursos de pesquisa, e o pesquisador que opta por trabalhar com a História oral deve ter consciência de que está lidando com uma fonte que reforça esses valores. Pierre Bourdieu já alertava quanto para a “ilusão biográfica” (BOURDIEU, 1996)⁵, isto é, para o fato de a *unidade do eu* ser, na verdade, seu aspecto sócio cultural. Na verdade, o *eu* é fracionado e sócio-histórico.

O entrevistado pode dar seus próprios significados ao sentido da história (MARIA DE FREITAS, 2006). É o entrevistador que tem de estar atento a multiplicidade de significados atribuídos a ações e narrativas escolhidas e atribuir sentido científico às experiências após a situação em que são narradas no seu laboratório ou escritório e levar em conta a subjetividade e reinterpretar com o cuidado de não falsear ou não estragar ou ainda interpretar sobre seus próprios valores os quais não estão isentos por mais que a ciência tente alcançar sua suposta neutralidade (MORIN, 1995).

Reconhecer os paradigmas que estão na base da História oral não implica renunciar a sua capacidade de ampliar o conhecimento sobre o passado. Ao contrário, saber em que lugar nos situamos ao trabalhar com determinada metodologia ajuda a melhor aproveitar seu potencial. Uma das principais vantagens da História oral deriva justamente do fascínio da experiência vivida pelo entrevistado, que torna o passado mais concreto e faz da entrevista um veículo bastante atraente de divulgação de informações sobre o que aconteceu. Esse mérito reforça a responsabilidade e o rigor de quem colhe, interpreta e divulga entrevistas, pois é preciso ter claro que a entrevista não é um “retrato” do passado (ALBERTI, FERNANDES e FERREIRA, 2000).

⁵ Embora este texto de Bourdieu fale sobre biografia as duas técnicas biografia e historia oral tem concepções parecidas, mas são diferentes pois a biografia aponta apenas um ponto de vista.

Ao contar seu relato, o entrevistado transforma o que foi vivenciado em texto, selecionando e organizando os acontecimentos de acordo com determinado sentido, sempre passível de reinterpretação (BORGES, 2009).

Uma narrativa oral que sempre é uma interação entre entrevistado e entrevistador como em uma informal conversa, podemos dizer essa fonte é diferente em relação a outros documentos pessoais, como as memórias e as autobiografias (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007). O relato vai depender e muito das condições da entrevista e do modo pelo qual ele percebe seu interlocutor. Quando lhe é pedido a falar sobre o passado diante de um gravador ou uma câmera, cria-se uma situação um tanto intimidadora, isso pode gerar graves erros ou falhas (MARIA DE FREITAS, 2006). É claro que o entrevistado acostumado a falar em público (um pastor ou advogado, por exemplo) terá um desempenho diferente daquele que não tem essa experiência, (como um membro da religião ou um trabalhador simples). Para alguns, o fato de estar concedendo uma entrevista pode ser motivo de orgulho, porque sua experiência foi considerada importante para ser registrada. Para outros, a situação pode ser inibidora (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007).

Devemos lembrar que linguagem oral é diferente da escrita, leitores desavisados podem estranhar o texto da entrevista transcrita, menos formal do que um texto já produzido na forma escrita. Todos esses fatores devem ser levados em conta quando da produção, transcrição e da análise da fonte oral. Ou seja, deve-se avisá-los. Do que se está se tratando, das dificuldades da entrevista, quem é o tipo de entrevistado, e se autorizado, sua biografia sucinta.

Preparando.

A maioria dos autores recomenda que o trabalho de história oral deva ser organizado em basicamente em três momentos: a preparação das entrevistas, sua coleta e seu tratamento (MARIA DE FREITAS, 2006). A preparação já deve vir descrita no projeto de pesquisa bem como é recomendável a descrição do seu roteiro (CARDOSO, 1986). No projeto, deve ficar claro que a metodologia usada e se ela se afina com questão colocada e se vai ser útil para responder (idem).

Deve ser destacado o ponto de vista dos entrevistados sobre o tema estudado e estes devem ser coadjuvantes para os objetivos da pesquisa (CIPRIANI, 1988). Obviamente é preciso a pré-existência ou pré - contato com entrevistados em condições e com boa vontade de prestar seu depoimento (DURHAN, 1986). Recomenda-se que no projeto deva pré-existir o perfil de pessoa a ser entrevistada e daí a importância de um

levantamento do perfil sociocultural do grupo a qual ele pertence (CARDOSO, 1986) alguns recomendam uma breve biografia (CIPRIANI, 1988).

Bom lembrar que o entrevistador não deve perder totalmente o controle da entrevista sendo inundado por uma profusão de assuntos interessantes que podem surgir durante a mesma, ele deve conduzir sempre que possível a conversa de volta ao tema (CARDOSO, 1986), escolher o local, hora e procurar não fugir do roteiro (MARIA DE FREITAS, 2006), deve-se evitar cansar, discordar, interromper ou pressionar o entrevistado o afã de fazê-lo ouvir o que se deseja, algo normal no pesquisador entrevistador inexperiente ou que quer provar uma tese, a entrevista pode surpreendê-lo (DURHAN, 1986)

O tipo de pessoa e quem entrevistar deve ter relação com a pesquisa e com os objetivos, deve se levar em conta sua experiência, sua capacidade comunicativa a depender do contexto, seu carisma, e outros aspectos daí a necessidade de uma sondagem prévia (BECKER, 1997). É recomendado listar os possíveis nomes dos entrevistados com uma breve biografia⁶ que justifique sua escolha de acordo com os objetivos descritos no projeto (CARDOSO, 1986), é claro que isso pode mudar, visto que a entrevista pode ser revista pelos stakeholders, pelos fatos decorrentes e pelas situações adversas como no caso de alguém não querer entrevistar ou não estar disponível. Nomes novos podem surgir em meio a pesquisa prévia, ou uma coleta pode ficar aquém das expectativas, sendo recomendável nova coleta com outra pessoa. somente no final da pesquisa haverá uma lista definitiva de entrevistados referentes ao trabalho (BECKER, 1997).

Outro erro comum é que durante certa entrevista o pesquisador se depare com um relato interessante que pode levar a outra pesquisa, por exemplo, ele pode estar pesquisando religião e acabar com um relato de causas políticas, igualmente interessantes, mas que nada tinha haver com o projeto inicial, não se deve desistir, mas deve-se elaborar novo projeto com objetivos específicos para tanto. Se necessário reconduzir o entrevistado ao assunto o que não impede de após utilizar as mesmas anotações e entrevistar novamente a mesma pessoa para uma segunda pesquisa, porém é importantíssimo manter o foco naquele projeto inicial.

Legalmente o pesquisador deve se preservar e preservar o pesquisado deve cumprir as normas técnicas da instituição a qual se vincula, evitar entrevistas com

⁶ Não confundir com metodologia biografia que outra valorosa metodologia das ciências sociais, muito parecidas uma com outra, mas a biografia é enfocada em um personagem e não em uma situação social.

menores e se fizer não identificar em repeito ao ordenamento jurídico do país, já na gravação conseguir uma declaração de voz autorizando seu uso e a cada transcrição levar um modelo de carta de anuência explicando muito bem o que se trata em um modelo mais ou menos assim :

CARTA DE CESSÃO

(local e data)

Destinatário,

Eu, (nome, estado civil, documento de identidade, endereço, profissão), declaro para os devidos fins que cedo os direitos autorais de minha entrevista gravada em (datas das entrevistas) para (nome do entrevistador ou instituição) usá-las integralmente ou em partes, sem restrições de prazos ou citações, desde a presente data, desde que seja para fins específicos de pesquisa científica ou teológica. Declaro também que está autorizado a publicação de meus dados para esses fins.

Abdicando de direitos meus e de meus descendentes quanto ao objeto dessa carta de cessão, subscrevo a presente.

Assinatura do Depoente

As entrevistas podem não ir de acordo com os objetivos do projeto, isto devido a sua natureza imprevisível (CARDOSO, 1986), os entrevistados podem estar imbuídos de um orgulho egoísta e não relacionar a questão sócio-histórica desejada (QUEIROZ, 1988). Daí é bom o pesquisador saber e manejar bem o espaço pesquisado para não perder muito tempo atrás de outro, recomenda-se ter em mente, ou melhor, já no projeto entrevistados alternativos (CARDOSO, 1986).

Deve-se evitar um grande numero de entrevista salvo quando a própria pesquisa tenha como objeto a coleta de historia oral ou for quantitativa. Se este projeto for coadjuvante de outras fontes no máximo três devem bastar para uma boa pesquisa qualitativa (DURHAN, 1986). É claro que tal número pode ser revisto a qualquer momento. Convém contar com diferentes pontos de vista, daí é recomendável usar inquiridos de diferentes origens que têm papéis diferentes na realidade de estudo.

No contato com o entrevistado deve-lhe estar muito bem explicitado seu papel, a importância da entrevista, se ele concorda em assinar um termo de autorização i.e transcrição resumida da mesma e se possível divulgação de documentos, provas, com cópias preferencialmente autenticadas das mesmas.

Após o projeto estar bem amarrado deve-se traçar o roteiro de entrevista, e melhor agendar previamente já descrito o uso do material a ser usado, deve-se por ética deixar claro ao entrevistado o porquê e os objetivos da pesquisa e de preferência já ter uma vivência observativa, preferencialmente em observação participante com a realidade social do mesmo, sobretudo em assunto tão particular como religião (ANDRADE CABRAL, 2005).

O roteiro deve seguir uma cronologia e organização intensa, no caso da presente pesquisa, esse roteiro já estará previamente elaborado, após os elementos teóricos da dissertação a ser defendida. O roteiro nosso seguiu a seguinte cronologia, essa cronologia não é a mesma do projeto, mas está nele inserido, esta se refere à parte de coleta oral:

1. Visita participante que deverá demorar mais ou menos 2 meses⁷
2. Pré-documentação aprovação pelo comitê de ética, 4 semanas
3. Elaboração previa com orientador de um roteiro de entrevistas, 4 semanas⁸
4. Coleta-gravação das entrevistas, que como já contam com endereço certo, entrevistadores alternativos e pré-documentação não devem passar de 3 semanas.
5. Re-coleta de entrevistas se for o caso.

Seguindo-se este roteiro pode-se partir para a preparação das entrevistas. É sempre bom entrar em contato com o entrevistado e agendar hora e dia com pelo menos espaço de no mínimo duas horas (o melhor será bem mais) sobre o assunto. Recomenda-se varias visitas, isto é unanime entre os autores. É bom descrever uma breve biografia do entrevistado com já anteriormente citado.

Feita a entrevista é certo dispor de um tempo para analise e reanalise da mesma e se necessário nova entrevista para preencher lacunas (CARDOSO, 1986) que eventualmente tenham sido deixadas. O pré-roteiro de entrevistas é altamente recomendável este se possível deve ser elaborado com um orientador ou colega experiente em entrevistas orais. Também é bom ter uma ficha previa de identificação do entrevistado. O roteiro não deve ser fechado e sim ser uma orientação aberta e flexível.

⁷ Se ja são realizadas a alguns anos, em tais visitas serão realizadas conversas explicando nosso objetivos e colhendo autorização das entrevistas entre os entrevistados.

⁸ Isso é uma sugestão de roteiro que pode ser mudado conforme a natureza peculiar de cada pesquisa esse tempo e esa lista não é *numerus clausus*.

Se a coleta for além de uma sessão, convém elaborar roteiros parciais previamente preparados e analisados (ALBERTI, FERNANDES e FERREIRA, 2000).

O tratamento do material coletado vai depender do que foi definido no projeto inicial com relação ao destino do material produzido. O equipamento deve ser de boa qualidade, é necessário um caderno de pesquisa de campo para anotar as lacunas e reflexões a serem feitas a posteriori, descrições, palavras mal compreendidas, gestos, risos percepção corporal etc.... é bom após entrevistas hoje em dia fazer imediatamente o backup dos dados em local seguro, se for transcrever deve-se fazer com tempo e calma. Depois deve-se tratar o texto e se necessário “traduzir” a expressões, em algumas entrevistas com o meio pentecostal podem surgir expressões como “ e o fogo caiu em meio ao culto” que significa manifestação de glossolalia, profecias e danças, nesse exercício de transcrição é fundamental descrever tudo e traduzir sempre que possível. É bom registrar em algum lugar de preferência no caderno de campo as impressões ainda que pessoais sobre a entrevista em si e se perguntar da utilidade dela frente ao projeto, nem tudo pode ser útil, em meio a entrevista pode ser que o entrevistado discorra longamente sobre política, futebol e assuntos desconexos que podem até ser omitidos após longa análise.

Quando da publicação é necessário a edição do texto para estar de acordo com o seu projeto. Tal edição não pode comprometer a fidelidade do entrevistado se necessário utilizar a expressão latina *sic* (significa assim foi dito em latim quando a citação provém de seu autor original do mesmo modo que foi dito).

A entrevista pode não ser sempre verdade, Goff (op cit) já dizia que todo registro é mentira e, portanto passível de interpretação ou prova, mas é importante e um dado sempre histórico ver a opinião do entrevistado. Duvidar pode levar ao pesquisador achar mais falhas e ir atrás de mais fontes. É interessante ter noção de semiótica, linguagem corporal, subtexto e outras técnicas de entrevista, quando se trata de religião (nosso campo), deve-se sempre lembrar da teoria da Crick(1994) de que as vezes não é mentira para a pessoa ainda que absurda para a comunidade científica, pode ser um outro tipo de verdade, mas não há de se entrar nesse imbróglio agora.

Deve-se tomar cuidado para não generalizar (FERREIRA, 1997), apenas se utilizando de comparação com outras fontes é que se pode daí pensar em uma situação social verdadeira e não apenas de relatos, alias a questão se é ou não verdadeira é outro problema, o importante é o ponto de vista de alguém que está passando pela situação

social, isso é quase uma afronta a academia tradicional porém ela gerou erros que devem ser consertados (CERTEAU,1994).

É muito valioso e importante o ponto de vista do entrevistado: sua interpretação do fato-problema e de sua própria história em relação ao tema, da interpretação da sua comunidade, de como concebe o mundo em relação ao problema etc.... Tomar a entrevista como um todo significa levar a cabo o conselho de Salomão e saber ouvir, isso em si constitui o significado da situação para a pessoa.

Deve-se respeitar as culturas interpretando-as seguindo Geertz (1989), de acordo com o próprio significado que o entrevistado lhe dá, de acordo com sua linguagem levando em conta que linguagem é como ele referencia a si mesmo e ao mundo (COSTA, 2009), e aí que surge uma reinterpretação da história dos conhecimentos (MORIN, 2005), uma nova riqueza de histórias que foram caladas oferecendo ao leitor uma nova ampla gama de interpretação. Os fatos são interpretados e plenos de significação em relação dialógica a sua ressignificação pessoal do entrevistado-entrevistador em uma representação de mundo que nem sempre está de acordo com o registro e história oficial (CERTEAU, 1994), o mundo para alguns filósofos é representação e significado (COSTA, 2009) particular de cada um.

Não deve-se estar restrito a moral da história oficial pois a oral gera riquezas e novas interpretações e novas éticas (FERREIRA, 1997) que o pesquisador vai compreender aceitando no mínimo ponto de vistas diversificados que aumentam a riqueza do registro a qual se propôs escrever.

Aplicando ao projeto:

Quando se trata de eventos, tais como guerras, movimentos sociais, religião, por exemplo, na maioria das vezes se trata de subjetividade, aliás de um velho conflito que perfaz a própria identidade do entrevistado, por isso a coleta de história oral nem sempre é fácil, sobretudo no Brasil, donde há desconfianças cada vez maiores sobre múltiplos relatos de preconceito frente ao cientista e frente ao grupo (MOTT, 1997), que pode se sentir marginalizado (quando de fato é) como favelados, afro-descendentes, homossexuais, certos grupos religiosos etc..... com a técnica de história oral quer se perceber como o fato, situação, inserção no grupo afeta os indivíduos de um sistema social. Quer se perceber, por exemplo; as profundas causas em sua teologia, das marcas e traumas do conflito, autopercepção do trabalho ou outra situação que se pesquise.

Assim boa parte do trabalho será quebrar a desconfiança. Assim o exercício da observação participante pode ser útil em alguns casos. Claro que isso pode ser desnecessário em eventos urbanos de maior contato com a pesquisa científica e a academia; se por acaso vai pesquisar estudantes, advogados ou padres instruídos não vai ser necessário a quebra de desconfiança. Pretende-se aqui aplicar a técnica de historia oral para verificar, junto com outras fontes como é percepção entre esse grupo. Claro que sempre tem de haver outras fontes.

Interpretando

A Antropologia, em que pese o exorcismo que vem realizando desde Boas, ainda não conseguiu, de todo, livrar-se do fantasma de Levy-Bruhl. Levy-Bruhl acreditava na infantilidade e, portanto, na inferioridade da mentalidade primitiva do pesquisado, acreditava que só o cientista poderia dar uma visão fiel do fato ocorrido e que o pesquisado não tinha nada de útil a oferecer, embora tenha contribuído muito em suas descrições, e bom lembrar que é um ponto de vista de um europeu branco, cujo ponto de vista é diferente do pesquisado. Está na hora de por o pesquisado, melhor a vítima da história(CERTEAU) como narrador da história. Substituir o conceito de "mito", com suas ressonâncias semânticas negativas, pelo de "narrativa", pode representar um passo à frente lembramos, que segundo Prandi (1999, p. 149), Franz Boas teve um importante papel na formulação do relativismo em pesquisar as narrativas e suas funções, as ciências sociais modernas em geral não tratam esses aspecto cultural como mito, mas sim como uma riqueza imbuída na cultura humana (DELUMEAU, 2000).

A técnica de história oral é uma maneira de imergir na vida e cultura de quem a faz acontecer a fim de buscar explicações inclusive se utilizando do método de historia oral para quebrar preconceitos e trazer a baila realidades esquecidas pela história e pela mídia oficial.

Do porque historia oral?

A intenção é perceber o imaginário e a auto-opinião que o participante tem frente a um fato social, histórico, elemento cultural ou antropológico e principalmente a percepção que esse público tem do evento. Tentar enfatizar o imaginário do grupo social que relata crua e qual o seu papel, sua percepção e sua busca de explicações para certas circunstâncias, a maneira como percebem e recriam em sua memória os fatos que participaram.

O que se quer é captar a percepção e subjetividade de quem teve ou participou de um relato ou evento e aplicar tais conceitos ao fenômeno em si.

A síntese bibliográfica consiste em vários trabalhos, sobretudo da antropologia, filosofia da mente e das ciências da Religião, Com base nos trabalhos de François Laplatine (1999, p. 418), que procura construir, na perspectiva da antropologia da saúde e da doença, conceitos adequados à compreensão do fenômeno mórbido, tais como doença-sujeito (a *illness* ou a experiência subjetiva da doença), doença-sociedade (a *sickness*, que designa os comportamentos socioculturais conectados com a doença em uma dada sociedade) e doença-objeto (tal como apreendida pelo saber biomédico), Laplantine propôs, para esclarecer a questão, a utilização 1) do termo *illness* para designar a experiência vital do indivíduo que sofre uma afecção mórbida; 2) do termo *disease* para referir-se à doença tal como definida pela biomedicina; e 3) do termo *sickness* para designar o processo de socialização tanto da *disease* quanto da *illness*. Na perspectiva de Laplantine essa socialização engloba os aspectos socioculturais, assim como essa socialização envolve o “*entendimento de uma desordem em seu senso genérico através de uma população em relação a forças macrossociais (econômicas, políticas, institucionais)*” (Laplantine , p.201, 1999, tradução livre nossa).

Assim, desde um ponto de vista antropológico, é possível reconhecer que as doenças, no que concerne a sinais e sintomas particulares, são atravessadas pela cultura em diferentes épocas e sociedades. Com efeito, os significados culturais marcam tanto a pessoa doente, imprimindo-lhe sentidos existenciais, quanto os seus cuidadores, particularmente os pastores e os irmãos-irmãs de intercessão, que podem atribuir significado antropológico de curandeiros (BASTIDE, 2006, p.41), os quais constituem sua prática com base em redes semânticas culturais centradas na dimensão ritual. Na perspectiva dos pacientes, os significados culturais subscrevem os sentidos existenciais das pessoas enfermas, e estão inscritos na fala através de idiomas e metáforas culturalmente determinadas que articulam desde a experiência da doença até seu aspecto espiritual (DESROCHE, p.62,1986).

Com efeito, é na comunicação verbal que podemos reconhecer um discurso que pode ser tratado no jogo de sua instância, que se caracteriza não por uma continuidade, mas por rupturas e descontinuidades, sendo, então, possível considerar a existência de múltiplas formações discursivas referentes à doença, que tomam corpo nas narrativas sobre a doença. Estas, por seu turno, correspondem à experiência da doença, através da qual se constituem os sentidos a ela referentes, a pessoa pensa que seus atos sociais

(pecados ou provas) causaram certa doença e isso modifica seu contato social e ela sai em busca de purificação mudando sua relação com o mundo ou discursando mudá-la.

Nesse item da *forma de análise dos resultados*, a linha do projeto é a de procurar compreender o modo como os objetos simbólicos produzem sentidos, não a partir de um mero gesto de decodificação, mas como um procedimento que desvende a historicidade contida na linguagem em seus mecanismos imaginários. Isto será feito em algumas etapas:

A pesquisa de campo deve sempre procurar identificar individualmente cada membro que se envolve no processo de identificação de identidade pesquisada, bem como sua atuação sobre estes fenômenos, e sua própria análise destes. Disto vai surgir quem deve ser escolhido para depor na história de vida.

A gravação pode e deve ser previamente agendada de preferência em local que forme a identidade do pesquisado em que frequentam para lhes trazer evocação do seu grupo pessoal a qual estão inseridos dando maior identificação e menos estranhamento ao momento da coleta de entrevista. Na prática a gravação tem de ser precedida de “cabeçalho” da entrevista, informando o nome do entrevistado, do(s) entrevistador(es), a data, o local e o projeto no qual a entrevista se insere.

Todo aparato legal aqui descrito será usado, é recomendável consultar o comitê de ética e se possível advogado da instituição ligada à pesquisa. As perguntas ser podem abertas de modo a possibilitar sempre ao entrevistado sua opinião sobre o assunto o que não impede perguntas mais fechadas. Todo projeto tem suas especificidades e delas nascem as perguntas certas damos aqui alguns exemplos.

Perguntas prévias de identificação (qual o seu nome, idade, pertença religiosa etc..). Perguntas sobre a identidade pesquisada pode ser, por exemplo, religiosas: a quanto tempo você se converteu? Você acredita que Deus Cura? Como se dá esse processo em sua opinião? Ou do espaço pesquisado: a quanto tempo mora na favela? Há realmente crime como se diz? Qual a sua opinião? Perguntas específicas do projeto: Como você acha que vai ser usada essa pesquisa que estou fazendo? O que faz você se identificar como membro da tribo Nhanduru ou como membro do povo tupi?

É importante estabelecer no projeto quando e como o pesquisador vai procurar compreender o modo como os objetos simbólicos produzem sentidos, não a partir de um mero gesto de decodificação, mas como um procedimento que desvende a historicidade contida na linguagem em seus mecanismos imaginários. Isto pode ser feito em algumas etapas:

A pesquisa oral procurará identificar individualmente cada membro que se envolve no processo de identificação e de formação da identidade do grupo social pesquisado em processos sociais a qual estão inseridos, bem como sua atuação sobre estes fenômenos, e sua própria análise destes. Enfocar-se-á seu próprio imaginário a qual se deve fazer análises posteriores e cruzamento com outras fontes, submetidos a bibliografia. Essas fontes serão preferencialmente as fornecidas pelos próprios relatados mais os testemunhos gravados nas situações de seu próprio cotidiano. Poderá ser usada outra metodologia coadjuvante, tal como o questionário, por exemplo, aplicado com perguntas que possam fundamentar a história oral.

Referencias:

ALBERTI, V., FERNANDES, TM., e FERREIRA, MM., orgs. **História oral: desafios para o século XXI** [online] (2000). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2000. 204p. ISBN 85-85676-84-1. Available from SciELO Books <http://books.scielo.org> disponível em books.scielo.org/id/2k2mb/pdf/ferreira-9788575412879-03.pdf. acesso em 15/05/2013

ANDRADE CABRAL, Newton Darwin de,(2005). **Entre a história e as ciências da religião: questões teórico-metodológicas sobre o trabalho com depoimentos orais**, *revista de teologia e ciências da religião*, revista de pós graduação em ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco, , ano IV • n. 4 • setembro/2005 – pp. 205-217

AQUINO, Rubim Santos Leão; FRANCO, Denize de Azevedo; LOPES, Oscar Guilherme Pahl Campos. (1980) **História das sociedades: das comunidades primitivas às sociedades medievais**. Rio de Janeiro: Ao livro Técnico.

ALVES. PC & Rabelo MCM (org.) **Antropologia e saúde. Traçando identidade e explorando fronteira**. Fiocruz, Rio de Janeiro1998.

BASTIDE Roger (2006). **O Sagrado selvagem e outros ensaios**, São Paulo, Cia das Letras,

BECKER, H. (1997) **Métodos de pesquisa em Ciências Sociais**. São Paulo: Hucitec,

BOURDIEU, Pierre. (1996) **A ilusão biográfica**. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da FGV, 1996, p.183-191.

BURKE, Peter. (1992) **A escrita da História: novas perspectivas**; trad. de Magda Lopes - São Paulo: Editora UNESP.

BURKE, Peter.(1995) **O que é história cultural?** Tradução de Sérgio Goes de Paula. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005, 191 p.

CARDOSO, R. (1986) **Aventuras de antropólogos em campo ou como escapar das armadilhas do método.** In: CARDOSO, R. (org.). *A Aventura antropológica: teoria e pesquisa.* Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986. p. 95-106.

CHIZZOTTI, A. (1991)**Pesquisa em ciências humanas e sociais.** São Paulo: Cortez.

CERTEAU, M.(1994) **A invenção do cotidiano I: as artes do fazer.** Petrópolis: Vozes.

CIPRIANI, R.(1988) **Biografia e cultura: da religião à política.** In: VON SIMSON, O. M. (org. e intr.). In: *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil).* São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais; v. 5, 1988. p. 106-42

COSTA, Otávio Barduzzi Rodrigues da. (2009) **Sobre as causas evolutivas da cognição humana** / Otávio Barduzzi Rodrigues da Costa. – Marília, 2009. 145 f. ; 30 cm. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, 2009.Bibliografia: f. 134-142. Orientador: Prof. Dr. Alfredo Pereira Junior.

COSTA, Otávio Barduzzi. R. (2005). **O homem e o trabalho: O Deus In Machina.** Revista das Produções Científicas Fênix, Bauru, v. 1, n.1, p. 241-246,

CRICK F.(1994) **The Astonishing Hypothesis: The Scientific Search for the Soul.** London: Simon & Schuster;1994.

DELUMEAU, Jean. (2000) **De Religiões e de Homens.** São Paulo: Loyola.

DESROCHE Henri. (1985) **Sociologia da esperança.** São Paulo, Paulinas,

DURHAN, E. R. (1986) **A pesquisa antropológica com populações urbanas: problemas e perspectivas.** In: CARDOSO, R. (org.). *A Aventura antropológica: teoria e pesquisa.* Rio de Janeiro: Paz e Terra,1986, p. 17-38.

FERREIRA, Marieta de Moraes (Coord.). (1994) **Entrevistas: abordagens e uso da História Oral.** Rio de Janeiro: Ed Fundação Getúlio Vargas.

FERREIRA, Marieta de Moraes. (1997) **História oral, comemorações e ética.** Projeto História. Ética e História oral, São Paulo, nº 15, p.157-164, abr. 1997.

FOUCAULT, Michel(1999). **Aula de 7 de janeiro de 1976.** In:_____. **Em defesa da sociedade:** curso no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. (1997) **Sete aulas sobre Linguagem, Memória e História.**Rio de Janeiro: Imago.

GEERTZ, Clifford(1989). **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC,.

JENKINS, Keith. (2001) **A História repensada**. Tradução de Mário Vilela. São Paulo: Contexto.

LAPLANTINE F.(1999). **Antropología de la enfermedad: estudio etnológico de los sistemas de representaciones etiológicas y terapéuticas en la sociedad occidental contemporánea**. Buenos Aires: Ediciones del Sol; 1999.

LAPLANTINE, François. (2004) **Antropologia da doença**. São Paulo: Martins Fontes,

MARIA DE FREITAS, Sônia (2006) **História Oral: Procedimentos E Possibilidades**, Editora Humanitas, São Paulo.

MOTT, Luiz.(1997) **Cotidiano e vivência religiosa: entre a capela e o calundu**. IN: SOUZA, Laura de Mello e. org. *Historia da vida privada no Brasil: Cotidiano e vida privada na América Portuguesa*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

QUEIROZ, M. I. P.(1988). **Relatos orais: do "indizível" ao "dizível"**. In: VON SIMSON, O. M. (org. e intr.). *Experimentos com histórias de vida (Itália-Brasil)*. São Paulo: Vértice, Editora Revista dos Tribunais, Enciclopédia Aberta de Ciências Sociais, v.5, 1988. p. 68-80.

SANTANA JÚNIOR, Fernando Oliveira (2012). **Medicina, ética e judaísmo na literatura: da anamnese à narrativa do doente em A Majestade do Xingu, de Moacyr Scliar**. INTERSEMIOSE • Revista Digital, ANO I, vol. 01, n. 01, Jan/Jul 2012, n.1disponível em <http://www.neliufpe.com.br/wp-content/uploads/2012/06/06.pdf>, acesso em 15/05/2013

SELAU, Mauricio da Silva (2004), **História Oral: uma metodologia para o trabalho com fontes orais**, Revista Esboços, Revista de pós-graduação em História da UFSC- Florianópolis – SC

VAINFAS, R. (1998) **Caminhos e descaminhos da História**. In: CARDOSO, C.F.S. & VAINFAS, R. (Org.) *Domínios da história*. Rio de Janeiro: Campus,

VANDERLEI SILVA, Kalina e SILVA, Maciel Henrique. (2006); **Dicionário de Conceitos Históricos**, verbete história oral — Ed. Contexto – São Paulo.